



Revista

Ideação

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Centro de Educação, Letras e Saúde
Campus de Foz do Iguaçu
✉ ideacao@yahoo.com.br

PERSONAGENS DA COMUNICAÇÃO ENTRE FRONTEIRAS: ANÁLISES DAS NARRATIVAS DA REVISTA VEJA SOBRE UMA ILHA COMUNISTA

DOI: 10.48075/ri.v24i2.29088

Antonio Sebastião da Silva¹

RESUMO: Os resultados da pesquisa apresentados neste artigo objetivam compreender a formação social nas fronteiras comunicacionais como consequência da globalização econômica, com reflexo nas mediações para formação de conhecimento sobre a América Latina, com atenção nas disputas de vozes dos personagens da narrativa política e cultural, com desdobramento quanto à formação do imaginário social regional na contestação da literatura de Gabriel García Márquez. Neste processo de interações sociais e conflitos de poder, as narrativas resultam de estratégias para composição de significados com seleção de vozes e performance dos personagens nos acontecimentos políticos, na construção de territorialidade política e cultural de narrativa hegemônica, cuja tessitura da trama, centra-se, neste contexto, em Cuba sob regime comunista. A metodologia empregada é a Análise Crítica da Narrativa, na análise de procedimentos dos narradores na configuração dos agentes sociais na diegese jornalística. O *corpus* da pesquisa resulta de enredos políticos da revista *Veja*, semanário tradicional brasileiro e ampla audiência, sobre cobertura política do país latino-americano entre os anos de 2008 e 2010, quando da aproximação com os Estados Unidos, com enfoque no período de mudanças da presidência com a impossibilidade física de Fidel Castro para governar a nação. Sobressaindo-se das análises a concepção de um núcleo simbólico de personagens, em consequência de estratégias construção da tessitura da trama política da revista *Veja* na defesa do modelo neoliberal, com reflexo na economia e cultura regional.

Palavras-chave: América latina; revista *Veja*; Cuba; narrativas; política internacional.

CHARACTERS OF COMMUNICATION BETWEEN BORDERS: ANALYSIS OF THE MAGAZINE NARRATIVE VEJA ABOUT A COMMUNIST ISLAND

ABSTRACT: The results of the research presented in this article aim to understand social formation at communication borders as consequence of economic globalization, with reflection on the mediations for social knowledge formation about Latin America, with attention to the voices disputes of the characters of the political and cultural narrative, with unfolding regarding the formation of the regional imagination in the contestation of Gabriel García Márquez's literature. In this process of social

¹ Doutorado pela Universidade de Brasília (UnB) em Comunicação, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade. Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professor do quadro efetivo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), do Campus Barra do Garças. Coordenador do projeto Mediações Latino-americanas, como desdobramento de pesquisa de Mídia e Política. Autor do livro *Mediações Latino-americanas* (2020). E-mail: antoniosilva@gmail.com

interactions and conflicts of power, narratives result from strategies for composing meanings with the selection of voices and performance of the characters in political events, in the construction of political and cultural territoriality of hegemonic narrative, whose plot focuses on this context, in Cuba's communist regime. The methodology employed is the critical analysis of the narrative, in the analysis of narrators' procedures in the configuration of social agents in the diegesis journalistic. The research corpus results from *Veja* magazine's political plots, a traditional Brazilian weekly and wide audience, on the political coverage of the Latin American country between 2008 and 2010, when approaching the United States, focusing on the period of change of change Presidency with Fidel Castro physically impossibility to govern the nation. The conception of a symbolic core of characters, as result of strategies construction of the political plot of *Veja* magazine, in the defense of the neoliberal model, reflecting on regional economy and regional culture.

Keywords: Latin america; Cuba; narratives.

INTRODUÇÃO

A sociedade está permanentemente em transformação, se analisada a diversidade de comunicação e tecnologias desenvolvidas para ampliação das interações entre indivíduos espalhados em diversas comunidades, em um espaço que se faz limitado e exige convivência e relações constantes. O que não resulta em pensamento único, diante da diversidade cultural com suas respectivas linguagens. Signos que se chocam, ampliam, resistem e se modificação no contato comunicativo. Nesse sentido, as mídias ganham importância da dinâmica cultural, na sua inter-relação para um ambiente de códigos em transformações.

Nas fronteiras culturais, das diversas comunidades, a informação ganha notoriedade ao permitir as trocas comunicativas para formação de conhecimento e consenso em torno de um sistema com suas regras. O que não quer dizer sem conflitos e disputas, que efetivamente existem no sentido de definir estruturas, formação cultural e desenvolvimento. Pensando nessa análise cultural de signos que se espalham e permanentemente se desenvolvem, se faz importante o entendimento das lógicas que perpassam a política na concepção de significados sobre referentes, para uma sociedade em meios à comunicação global. Desde modo, as guerras comunicativas tornam-se um momento singular para compreender os resultados de disputas que saem das interações e avançam na batalha contra a vida do inimigo, como forma de fazer sobrepor um poder de grupos políticos que se querem hegemônicos. Contudo, as intrigas que resultam em disputas ocorrem em processo permanente na tentativa de convencimento na definição de conceitos e valores. Uma relação interna à sociedade, porém, está na dependência do processo de comunicação de massa, a qual tem como referência o

Jornalismo para informação de acontecimentos para a discussão social. Contudo, são enquadramentos que apresentam significados, na ordenação de formas simbólicas.

Nestas relações interculturais, contudo, surgem dúvidas quanto ao fluxo de informação constante. A rigor, para além de agendar, o jornalismo como agente da comunicação para a ordem conhecimento, quais valores políticos que se esperam consensuais numa sociedade da globalização hegemônica midiática? Nesta relação ideológica, como a revista *Veja* configura os personagens das narrativas jornalísticas no enquadramento político regional, com vistas às formações simbólicas? Quais as estratégias do narrador na construção do processo comunicativo, na configuração das vozes na disputa pelo sentido político-ideológico, com vistas ao convencimento político e cultural do seu interlocutor, sujeito da recepção?

Nesta análise o veículo como agente da comunicação não se lança à comunicação sem intencionalidade ordenada, muito ao contrário. A ordenação de um texto pressupõe valores, códigos, signos com objetivos de gerar ação em alguém para determinada finalidade. Afinal, como descreve Thompson, “as formas simbólicas são produzidas, construídas e empregadas por um sujeito que, ao produzir e empregar tais formas, está buscando objetivos e propósitos e tentando expressar aquilo que ele ‘quer dizer’ ou ‘tenciona’ nas e pelas formas assim produzidas” (2002, p. 183, grifo do autor). Acrescentamos que o desejo do comunicador/narrador pode não ser o esperado, considerando que na relação entre codificação e decodificação o significado pode não ser o planejado, em virtude da falta controle de quem se propõe com um agente ativo de influência. O que não quer dizer que não use de recursos os mais diversos no sentido de relacionar enquadramentos simbólicos para atingir seus objetivos ideológicos. Na sequência, dentro do processo da narrativa, os conflitos em torno dos personagens com papel de protagonistas e antagonistas se efetivam, de modo a compor a verdade com vistas à delimitação de significados.

Como analisa Stuart Hall, um dos principais pensadores modernos dos estudos culturais ingleses, o processo comunicativo, “desta maneira, requer, do lado da produção, seus instrumentos materiais – seus ‘meios’ – bem como seus próprios conjuntos de relações sociais (de produção) – a organização e combinação de práticas dentro dos aparatos de comunicação” (2013, p. 429, grifo do autor). O autor acrescenta que é “sob a forma discursiva que a circulação do produto se efetiva, bem como sua distribuição para diferentes audiências” (Idem).

Ainda que em 2022 estejamos imergidos em guerras pelo poder, as relações conflituosas na cultura não são deste tempo, mas as diversidades resultam de dinamismos e transformações. A busca de formações culturais, com vistas a delimitação de significados ocorrem diariamente no conflito inegáveis e consensos necessários para as trocas de conhecimento, convivência social e evolução. Pensando nisso, avaliando a realidade mais próxima, a América Latina, buscamos compreender como as estratégias narrativas do jornalismo brasileiro, da tradicional revista *Veja* ordena o conhecimento político, no sentido de definir ordem hegemônica social e cultural. Questões que vão muito além da região, mas que estão numa ordem global de formação de conhecimento, na qual a interculturalidade se faz necessária, porém, passa por disputas persistentes.

Para esta abordagem, retomamos a análise dos acontecimentos políticos do período entre 2008 e 2010, cujo recorte nos permite observar dois personagens emblemáticos de duas culturas que se revelam distintas neste processo de efetiva globalização, possível pelas novas tecnologias da comunicação, cujos reflexos de performance cultural e política continua na ordem do dia². Período em que o personagem da narrativa de *Veja*, Fidel Castro, vive momentos finais de seu comando na política do país cubano, sinalizando mudanças estruturais para o país latino-americano. Nesta perspectiva, e a razão dos textos para formação de conhecimento social, a dúvida quanto às fronteiras entre o comunismo e o capitalismo no limiar no novo século. Rupturas para consensos à vista, que resultariam em transformações no ambiente político e da cultura regional e global. Nesta análise, processo comunicativo que tem como referente à política do país cubano, sua cultura e valores, em contraposição a uma configuração social de poder universal que se quer centralizada, hegemônica. A rigor, Cuba, assim como os países da América Latina, não resulta em uma ilha solitária e perdida na América Central. Mas por décadas manteve e ainda, que haja alterações constantes sobretudo na atualidade de amplitude das tecnologias da informação, mantém

² Em 2022, o mundo observa com atenção a guerra envolvendo países do Leste Europeu, em conflito que retoma disputas política, com amplo reflexo nas fronteiras culturais, com prolongamento da chamada Guerra Fria, envolvendo Estados Unidos e a União Socialista Soviética. A queda do muro de Berlim em 1989 levou ao desmoronamento do país soviético, mas não deu fim as disputas, com personagens que entram em cena para impor suas narrativas, desta vez, chamada guerra da Ucrânia, colocando em lados opostos novamente, Rússia – que preserva a herança dos comunistas, deixando legado de sua capacidade bélica e posição de potência mundial - e Estados Unidos, com seus respectivos aliados. Neste sentido, os meios de comunicação divididos pelos discursos definem diferentes performance para os seus personagens da narrativa, de modo a preservar valores e culturas, que, em razão de uma diversidade, se descortina um centro de poder hegemônico.

alguma influência política regional e com protagonismos internacionais ao se colocar como antagonista aos governos dos Estados Unidos. A nação, liderada pela família Castro, que apesar de não configurar neste ambiente entre os países hegemônicos, mantém seu modelo socialista nas lógicas políticas do Estado. Surpreendente acreditar que mais forte do que uma nação inteira e seus valores são seus símbolos e sua capacidade de interferir nos governos e nas propostas econômicas dos vizinhos e além-mar.

QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Na perspectiva dos meios de comunicação de configurar seus personagens na trama narrativa, no espectro político, se relaciona efetivamente com a composição de grupos de poder simbólico para difusão de formas simbólicas (THOMPSON, 1998) na região, de modo a estabelecer diálogo com o leitor, cuja finalidade é convencimento para modelo econômico de domínio global, com ampla transformação cultural e representativa. “Por outras palavras, a palavra do *porta-voz*, deve uma parte da sua “força elocução” à força (ao número) do grupo para cuja produção como tal ele contribui pelo *acto* de simbolização, de representação” (BOURDIEU, 2010, p. 187). Neste sentido, se define o capital simbólico, com o qual organizam-se o pensamento político, cultural e conhecimento social. Cabe ressaltar, no entanto, que as relações de poder não se resumem à ordenação passiva do leitor, nesta análise. Pois, haverá sempre a busca de comunicação alternativa para a construção de sentido, o qual se propõe hegemônico. Deste modo, como contrapoder aos grandes conglomerados, na composição de ideologias (EAGLETON, 1997), que se formam em uma sociedade global, demarcadas por diferenças e culturas híbridas (MORAES, 2013, p.109; CANGLINI, 2008).

A revista brasileira *Veja*, que “foi lançada no dia 11 de setembro de 1968” (ALMEIDA, 2008, p. 23), com projeto de reproduzir o modelo da *Times* no país, continua gerando ampla discussões quando o assunto é política e economia. O conglomerado de comunicação iniciado com a Família Civita tem uma longa história, com origem europeia que chega ao Brasil, na busca de construir um grande empreendimento. Semanário que tem importância histórica no jornalismo político brasileiro, “impondo a aprovação de reformas na Constituição, exigindo privatizações, desestabilizando governos, mantendo ou excluindo ministros. Sempre quer aparecer como neutra, um vigilante do poder, o ‘quarto poder’” (SILVA, 2008, p. 89).

Para as análises das reportagens seguimos a metodologia de Luiz Gonzaga Motta (2013), com o texto “Análise Crítica da Narrativa”, o qual descreve que “É no momento da configuração que os vários atores sociais e vozes intervêm para negociar e criar a representação que corresponda a uma síntese da visão de mundo de cada ator, uma matriz narrativa que tornará a verdade dos fatos, até que venha a ser modificada” (MOTTA, 2013, p. 235). A pesquisa, como abordado, é feita no intervalo de tempo da publicação de *Veja*, entre os anos de 2008 e 2010. Como metodologia de análise, concentra-se: no plano da linguagem, considerando a expressão definida pelo narrador, na formação e sentido; na estória³, com atenção à performance dos personagens de *Veja* no texto, que conduzem à formação da diegese, resultando na virtualização da textualidade, no processo de mediação entre Revista e Leitor, culminando na visão de mundo dos narradores; e, na metanarrativa, definindo, assim, implicitamente seu projeto dramático, consolidando-o no diálogo com o seu interlocutor, no esforço para o seu convencimento ideológico.

Neste propósito, seguiremos na divisão dos narradores na trama, envolvendo o veículo, cuja narrativa estará restrita à produção visual e composição estética das páginas, que, no entanto, usa, de maneira estratégica e atenta, porém importante à textualidade verbal. O narrador Jornalista é responsável, portanto, pela cobertura efetiva, cujo resultado advém dos seus contatos com os personagens no campo de ação. Nesta sequência, aparecem os personagens da narrativa, de modo que estão divididos pelas suas funções na diegese, conforme desenrolar da trama, seguindo projeto dramático de *Veja*, como protagonistas e antagonistas, sendo que, para cada um, há os seus auxiliares, com papel secundário nessa tessitura, porém importantes, como adjuvantes.

Outras categorias que se mostram importantes, relacionam-se às intrigas, ou seja, às disputas dos personagens no texto de *Veja*, na composição dos grupos de poder simbólico para a verdade e legitimação da ideologia ordenada. A rigor, no processo de composição da narrativa jornalística para as mediações, as fontes (configuração dos personagens) recebem do narrador performance para o discurso. Nesta mesma abordagem, sobressaem os enquadramentos dramáticos, que resultam na angulação da notícia, em conformidade com deixas simbólicas, visando ordenar visão de mundo para o leitor (metanarrativa), a partir de

³ Aqui a estória, sem o “H”, nos permite fazer uma diferenciação na narrativa jornalística, quanto ao texto dos historiadores, os quais seguem metodologia e pesquisa que distancia daquela feita nas coberturas noticiosas, pressionadas pelo tempo presente, como agente da tradução dos acontecimentos sociais.

discursos já conhecidos, sistematicamente, para formação de senso comum, a partir da propagação de verdades aparentemente consensuais no imaginário social. Os pontos de viradas nas estórias se mostram frequentes, isto quando há algum fato novo que exige a recomposição da narrativa e mudanças de performance dos personagens na tessitura da trama diegética.

COMUNISMO, JÁ VAI TARDE

Começamos com o personagem principal desta trama, visto pelos países ocidentais como causador de males para uma população que começa a perceber as necessidades de mudanças, de um país que vai se tornando uma ilha perdida, em um mundo industrializado e de capitalismo fluido. Fidel Castro⁴, sistematicamente, eleva o país a uma “[...] farsa eleitoral para dar ares de legitimidade aos arranjos do tirano⁵ que agoniza, mas não larga o poder”, descreve o narrador no subtítulo da primeira narrativa do episódio (30/01/2008, ed., 2045, p. 62).⁶

No título (16 *cm/col.*), *Veja* conta tratar-se de: “A ditadura perfeita”. No enquadramento dramático do narrador, a imagem (48 *cm/col.*) de Castro, em destaque, no alto da página, com aparência de velho e doente, sorridente, porém, com um detalhe, de pijamas. A rigor, o personagem antagonista da estória “[...] ainda manda, mas já não tem vigor para falar em público” (30/01/2008, p. 62), escreve *Veja*. Na sequência, diz o narrador-veículo, que, na política de cartas marcadas de Cuba, não há pluralidades de partidos, só o comunista.

Na diegese da narrativa de *Veja*, nas ditaduras, o processo de votação serve apenas como forma de dar aparência de democracia ao governo. A exemplo dos regimes políticos de Síria e Iraque, com representantes ditatoriais, em Cuba, Fidel Castro obtivera, nas eleições, 95% de apoio para se manter no poder (20 de fevereiro de 2008).

⁴ O personagem da trama política de *veja*, veio a falecer aos 90 anos, 25 de novembro de 2016, deixando seu legado e modelo político a serem administrados pelo irmão Raúl Castro, hoje com 91 anos.

⁵ Na perspectiva da narrativa de *veja*, a referência diz respeito ao presidente cubano que ataca a democracia, fazendo uso do poder do Estado para se manter no comando do país, de forma permanente, em detrimento da abertura política para negociações com oponentes (interno e externo), no emprego, muitas vezes, de força coercitiva.

⁶ O conteúdo das edições da Revista *Veja*, analisados neste episódio, com suas narrativas (estórias), podem ser vistos no acervo digital do semanário da Editora Abril, de acesso público, em <http://veja.abril.com.br/complemento/acervodigital/index-novo-acervo.html>

Longe de ser uma eleição democrática, a política praticada na ilha não passa de um ritual, que se repete, desde 1993, início das eleições para a Assembleia Nacional do Poder Popular. Tudo não passa de ficção para uma Assembleia que não legisla. Em fevereiro, os deputados escolhem o conselho, que define o ocupante do cargo de presidente. A decisão por Fidel Castro é certa, porém desta vez, por estar doente, cederá o comando da nação ao irmão, Raúl Castro⁷, ou a seu vice, Carlos Lage. No final, a troca apenas de nomes, no grupo de domínio de Fidel, nada muda, pois, como fala o narrador, fazendo referência a “[...] anedota cubana, *são todos o mesmo cachorro, com coleiras diferentes*” (30/01/2008, p.63, grifo nosso). Contudo, com a doença do ditador, surge a esperança dos cubanos da verdadeira democracia no futuro da ilha. O economista cubano Vladimiro Roca, preso pelo regime de Castro, por se manifestar contra a ditadura, no papel de personagem protagonista de *Veja* conta: “Fiquei quatro anos na prisão por divulgar algo que está na Constituição” (30/01/2008, p.63).

Na sequência narrativa, quase *dois meses depois*, Fidel Castro será a personificação da capa de *Veja* da última edição de fevereiro (ed. 2049), quando aparece contra a luz, com a silhueta de sua fisionomia, com seu tradicional boné militar e barba, as marcas do personagem-ditador. O narrador o descreve como uma estátua, um fantasma, que já hipnotizou a esquerda, durante 50 anos e, por isso, “Já vai tarde”. Um legado melancólico que chega ao fim, também para os cubanos, que se veem isolados do mundo desenvolvido, sob o poder de um ditador.

Se confirmada a morte política do antagonista, Cuba se revelará “Um país de muito passado, agora tem algum futuro” (27/02/2008), conta *Veja* no título de sua estória, dando sequência à disputa de poder no *interior da revista* (27/02/2008, p. 68), envolvendo a intriga entre comunismo cubano *versus* capitalismo global. A mesma produção da imagem da capa toma duas páginas abertas, com fundo negro, cujo subtítulo é escrito por *Veja*: “O ditador entrega o comando direto do país ao irmão, abre caminho para mudanças, mas fica ainda como *um fantasma* assombrando o povo e preservando sua tenebrosa herança” (27/02/2008, p. 69, grifo nosso).

No entanto, como está em fase terminal, chegou a hora de seu julgamento. Em *flashback*, com narrativa em tempos pretéritos, o narrador-jornalista segue na configuração da estória, no presente da narrativa, porém busca arquivos que permitem a realização de um

⁷ Em 2008, diante da debilidade do quadro de saúde de Fidel Castro, o irmão assume a Presidência da República Cubana, ficando à frente do cargo até abril de 2018, quando assume Miguel Díaz-Canel, sem ocasionar ruptura efetivas no modelo político da família Castro.

tribunal, como prova de suas ações. Conta o narrador que, em 1953, em julgamento de crime por ataque suicida a um quartel, fez sua própria defesa, dizendo que "[...] a história me absolverá". Depois de mais de meio século, com 81 anos, "[...] visto o sofrimento que infligiu ao povo durante 49 anos como senhor absoluto de Cuba, a absolvição está fora de cogitação. Cabe recurso? Não dá mais tempo. Fidel está em fase terminal de uma grave doença" (27/02/2008, p. 70).

O narrador-jornalista segue o veredito da acusação, assumindo, como agente da estória, na incriminação do personagem. "Vai anunciar o corte da cota de leite para a população adulta de Havana? Diga à multidão que não faltará leite para as crianças" (27/02/2008, p. 70). E segue na condenação: "Vai ter de recuar, desmontar os mísseis atômicos soviéticos e devolvê-los a Moscou? Diga que Cuba é soberana e pode ter as armas que quiser" (27/02/2008, p. 70). O narrador passa a palavra a Fidel, numa espécie de diálogo imaginário, no enquadramento dramático: "Os mísseis se vão. Mas ficam todas as demais armas" (27/02/2008, p. 70), responderia o réu.

Na sequência narrativa, descreve *Veja*, que, para continuar a farsa "[...] ajuda muito banir a imprensa, dominar a televisão e o rádio, proibir a entrada de jornais estrangeiros no país e impedir os cidadãos de viajar para o estrangeiro. Ajuda muito enjaular por tempo indeterminado, e sem juízo formado, toda a oposição" (27/01/2008, p. 71). Transformou-se em um ditador de um "país-cárcere". "A história o absolverá? Difícil." (27/02/2008, p. 71).

Na diegese, o narrador, no acontecimento-intriga, leva o seu interlocutor para o tempo futuro, na sua estratégia de configurar a estória do país comunista na transformação em capitalista, delimitando espaço para sua metanarrativa. Mas, afinal, o que será de Cuba depois de Fidel, que passou o tempo todo em conflito com a maior potência mundial? "Depois que Fidel for se encontrar com Marx no céu dos comunistas? Uma ilha sem expressão e agora de preocupação internacional" (27/02/2008, p. 71). O antagonista Fidel Castro mesmo fora da política continuará atormentando o país, pois Cuba não sobreviverá sem o seu criador. Ninguém terá o seu carisma. Afinal, qual sua estratégia para se manter no poder? Descreve o historiador argentino Carlos Malamud, do Instituto Real Elcano, em Madri: "Nos livros escolares, Fidel é enaltecido como o grande pai, aquele que trabalha dia e noite para proteger os cubanos" (27/02/2008, p. 72).

No fio da narrativa, *Veja* usa da ironia para atingir seus objetivos de ordenação de sua estória, criando espaço catártico para seu interlocutor. Em diálogo entre professor e aluno, o

narrador diz que, ao ser questionado sobre as grandes conquistas cubanas, o estudante rapidamente confirma que são três: a educação, a saúde e a segurança social. “Provocativa, a professora quer saber quais são os três defeitos. O aluno também os tem na ponta da língua: Café-da-manhã, almoço e jantar” (27/02/2008, p. 74).

“Sem Fidel Castro, o regime cubano teria acabado junto com a União Soviética, quase vinte anos atrás” (27/02/2008, p. 74), conta a socióloga cubana Marifeli Pérez-Stable, vice-presidente do Diálogo Interamericano, um centro de análises políticas, em Washington. Na voz da personagem, o narrador constrói o pano de fundo da narrativa, apontando saídas para a democracia econômica da ilha, após a constatação da doença de Fidel e mudança de poder político do país, em quatro possibilidades: a) Com Raúl Castro se *abre ao mercado*, como ocorre com a China; b) como querem os exilados, haverá *abertura de mercado* e democracia; c) serão feitas *reformas econômicas*, com pressão social e abertura em ritmo acelerado; d) o sucessor de Fidel é conservador e sob pressão popular, com *intervenção dos EUA*, emerge a democracia.

Durante o tempo no poder, Fidel conseguiu suportar a queda do muro de Berlim e perda de apoio da URSS, mas teve de se aproximar de um personagem emblemático de outras narrativas, o esquerdista Hugo Chávez, que vende petróleo subsidiado e faz empréstimos camaradas à Cuba comunista. Como descreve *Veja*, vive-se numa "realidade zoológica", tem-se o que comer, mas sem liberdade. “JÁ VAI TARDE” (27/02/2008, p. 79).

CUBANOS EM FUGA DA ILHA, NA BUSCA PELA MODERNIDADE

A estória de *Veja* tem prosseguimento, quatro meses depois, com o acontecimento-intriga envolvendo a fuga de cubanos da ilha para os Estados Unidos. No seu projeto dramático, três pessoas em uma embarcação de pequeno porte, no alto da página (33cm/col.), com destaque, tentam sair do país de Fidel Castro, e, em *flashback*, recupera a memória de 1994, quando o êxodo para a nação vizinha teve ponto alto. “Agora, fogem de Raúl”, no título, e subtítulo: “Apesar das reformas do irmão-sucessor, aumenta o êxodo cubano para os EUA” (25/06/2008, ed., 2066, p. 154). Em gráfico, no rodapé da página, escreve *Veja*: “Fuga da ilha-prisão: desde que Fidel Castro tomou o poder, um em cada seis cubanos abandonou Cuba. No ano passado, o número de fugitivos atingiu seu ponto mais alto desde 1994, quando 37 191 pessoas escaparam” (25/06/2008, p. 154). Ao lado, gráfico (14,4cm/col.), com os números dispostos para o leitor.

No fio da narrativa, a transferência da presidência de Fidel para o irmão Raúl Castro, *ponto de virada* da narrativa de *Veja*, foi tardia, com mudanças de abertura do comércio da ilha, com mais acesso da população a bens de consumo, como eletrodomésticos, porém não se altera o quadro econômico do país comunista. “As tímidas reformas feitas por Raúl Castro não vão alterar em curto prazo a falta de perspectivas para os jovens cubanos” (25/06/2008, p.154), conta o personagem da estória, o americano Andy Gomez, do Instituto de Estudos Cubanos da Universidade de Miami. Nos Estados Unidos, a vida do personagem encontra riqueza, afinal, como conta o narrador, “[...] o salário médio de um cubano é de 15 dólares por mês. Esse é o salário-mínimo por duas horas de trabalho na Flórida” (25/06/2008, p.154).

Na sequência, o narrador usa estratégias de linguagens para descrever um cenário político próximo do imaginário, na tessitura do fio da narrativa. Desta vez, no subtítulo, “Chefes de estado latino-americanos produziram muitas piadas na Costa do Sauípe e nenhuma proposta de interesse dos seus povos. O motivo é uma homenagem a Fidel, o ‘Comediante en Jefe’” (24/12/2008, ed. 2092, p. 86)⁸. No título, conta o narrador: “Só faltou ‘esteban’”. Numa referência a Fidel Castro, esteban como “uma abreviatura de ‘este bandido’” (24/12/2008, p.86). Na retranca, se lê *Humor*, logo acima do título. O sarcasmo, a ironia se torna ponto que fundamenta a narrativa, na configuração da diegese, de modo a gerar no leitor sentido de falta de seriedade, incapacidade dos personagens antagonistas para representar a sociedade. Os anti-heróis, a quem se deve olhar com atenção, devido as suas ações e modos de agir, no final, causam pilhéria.

Os protagonistas da trama aparecem no enquadramento de *Veja*, como sendo Hugo Chávez, Raúl Castro, Evo Morales e Lula, em imagem (14,9cm/col.), sorrindo entre eles, apesar de a reunião envolver 33 líderes da região. Como diz o narrador-*Veja*, foi um “concurso de piada”. Entre as mais eloquentes dos antagonistas está “[...] o episódio recente em que George W. Bush, então presidente dos Estados Unidos, numa visita a Bagdá, teve de se desviar de um sapato arremessado por um jornalista iraquiano” (24/12/2008, p.86). A outra e mais importante, a condenação pelos Estados Unidos ao embargo econômico a Cuba. Na voz do antagonista Evo Morales, conta o narrador: “[...] vamos dar um prazo ao novo governo dos EUA para suspender o bloqueio econômico a Cuba [...] Se não fizer isso [...] retiraremos os

⁸ Na narrativa que segue os personagens citados são à época presidentes de países da América Latina, os quais se revelam com proximidade política e cultural com a política desenvolvida pela família Castro em Cuba, em conflito com governos dos Estados Unidos, neste período sob o comando de George W. Bush e depois Barack Obama.

embaixadores, ameaçou o ‘Doctor Evo’” (p. 86). Neste sentido, conta o narrador-jornalista, Morales não cogitou acionar sua marinha contra os norte-americanos, ficando apenas na diplomacia política, evidenciando as diferenças de poderio bélico entre os dois países, claramente desfavorável ao boliviano. Prossegue o diálogo entre os antagonistas, entretanto, na definição do próprio narrador, o que seria uma afirmação possível para Morales: “A queda do preço do petróleo foi um golpe do império contra Hugo Chávez”, conta o “Doctor Evo”, cuja ironia “uma que sempre faz enorme sucesso” (24/12/2008, p.86). Neste mundo imaginário do narrador, Chávez teria dito: “Cuba é a essência do coração e da dignidade dos povos da América Latina e do Caribe [...]” (24/12/2008, p.86).

O presidente brasileiro se referindo à América Latina, à semelhança de Napoleão - que na piada, contada pelo narrador, dependura-se no lustre para não ver o quarto às escuras -, conta que “Éramos um continente de surdos, que não nos enxergávamos” (24/12/2008, p.86), o que aumenta o ar de risos dos personagens, numa ironia sem graça, como diz o narrador-jornalista, na sua narrativa imaginária. Rafael Correa tem sua vez de participar da conversa: “[...] foi um problema comercial e econômico lamentavelmente transformado em problema diplomático” (24/12/2008, p.86). Segue o narrador, “Em outro ambiente, teria levado uma sapatada [...], mas a Bahia não é Bagdá, Correa não é Bush” (24/12/2008, p. 86). A piada eleva-se, quando Chávez conta que “O socialismo não está morto. Está mais vivo do que nunca. O que está morto é o capitalismo” (24/12/2008, p.86). Como efeito, “Alguém jura ter ouvido de um concorrente inconformado com a derrota um lamento inaudível: vai sifu...!” (24/12/2008, p.86).

Na sequência, o importante personagem das narrativas midiáticas globais sai de cena, em 2008. George W. Bush, depois de dois mandatos consecutivos, cede à presidência da maior potência econômica mundial ao ex-senador Barack Obama, que inicia o seu governo na Casa Branca, em janeiro de 2009. Na estória de *Veja* a mudança política no vizinho resulta em um *ponto de virada* importante da narrativa sobre Cuba, pois, logo o novo presidente sinaliza para outros métodos de tratamento com os vizinhos do sul. A rigor, no título, conta no seu enquadramento dramático, “Obama estende a mão a Cuba” (22/04/2009, ed. 2109, p. 83). A dúvida é como os irmãos Castro responderão à boa vontade do presidente” (22/04/2009, p.83), escreve o narrador *Veja*, apresentando no alto da página, com destaque (22,8cm/col.), vários cubanos felizes com carrinhos cheios de compras no Aeroporto de Miami, embarcando suas mercadorias para a ilha comunista. Em discurso na Venezuela, o comandante da ilha, Raúl Castro conta: “Mandeí dizer ao governo americano, em privado e em público, que

[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 24, n°2, 2022. e-ISSN: 1982-3010.](#)

estamos dispostos a discutir tudo, direitos humanos, liberdade de imprensa e presos políticos” (22/04/2009, p.83). O regime dos Castro “está fraco e exausto”, com dificuldade para resistir ao poder do mais forte. O narrador enumera os pedidos de Cuba: “[...] os dólares dos turistas americanos, mais crédito dos bancos internacionais e acesso ao FMI para negociar sua dívida externa” (22/04/2009, p.83); enfim, os benefícios do capitalismo globalizado.

A IMPRENSA NAS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS PELO PODER SIMBÓLICO

Em Cuba dos irmãos Castro, os jornais ganham outra finalidade que não somente a leitura das informações publicadas sobre os acontecimentos do país, mas com “A falta crônica de papel higiênico fez com que os cubanos encontrassem uma utilidade sanitária para as publicações comunistas” (9/9/2008, ed. 2129, p.98), conta o narrador-Veja no subtítulo de sua narrativa sobre a nação da América Latina. Sete meses depois, portanto, o semanário paulista traz no título de sua estória: “Até que enfim serviram para Algo” (9/9/2008, p.98), e na vinheta sobre o título está a palavra “ideologia”, levando o leitor, de antemão, a saber que a narrativa se refere ao acontecimento-intrigas e à configuração dos personagens nas disputas pelas estórias e seus ideais políticos. Em destaque, no alto das páginas do texto narrativo (54 cm/col.) estão enfileiradas, seguindo o projeto dramático do narrador, várias pessoas, com o objetivo de comprar jornais em Havana, o que mostraria uma cena trivial. Porém, o principal jornal de cuba, “Nas ruas o Granma é revendido para ser usado no banheiro” (9/9/2008, p.99), revela o narrador-Veja na legenda, ainda na abertura da estória, no alto da página.

Fidel Castro, o antagonista da estória, não é nada confiável, sendo que, quando faz alguma afirmação, deve ser entendida ao avesso, conta o narrador-jornalista. Quando disse “[...] que não iria faltar leite para ninguém, [quis dizer] exceto para os menores de 7 anos. [...] anunciou a chegada para o fim do ano de um carregamento de papel higiênico importado, os cubanos entenderam que não há solução à vista para a falta crônica do produto sanitário básico” (9/9/2008, p.98). A forma encontrada, então, passou a ser o uso, para este fim, do “[...] jornal oficial do Partido Comunista, o *Granma*, e para o recém-lançado *Dicionário de pensamentos de Fidel Castro*, um livrão de mais de 300 páginas muito apreciado por suas folhas fina e macias” (9/9/2008, p.98, grifo do autor), ironiza o narrador-jornalista, seguindo sua estratégia de desconstruir a imagem de seus antagonistas na estória. O uso das publicações nesse sentido deu tão certo que se criou a lei da oferta e da procura (capitalista),

tornando os jornais velhos com o *mesmo valor* da publicação do dia. O que importa é a quantidade de páginas e sua textura.

Na disputa pelo poder das intrigas pela verdade, segue a narrativa:

[...] o *Granma* tem oito páginas (dezesseis às sextas-feiras) e 400 000 exemplares diários. Seus artigos, pura ladainha comunista, são uma enorme chatice. As notícias, distorcidas pela propaganda oficial, não têm credibilidade. Mas o diário é bastante valorizado pela qualidade absorvente do papel em que é impresso e também pelas cores firmes, que não mancham o traseiro de seus, por assim dizer, leitores. [...] Na falta do *Granma*, os revendedores oferecem exemplares do *Juventud Rebelde*. [...] Em situação de aperto, há quem utilize o *trabajadores* (9/9/2008, ed. 2129, p.98-99, grifos do autor).

O jornalista do *Granma*, personagem da estória, ironiza: “Meus amigos sempre faziam piada, dizendo que se lembravam de mim quando iam ao banheiro” (9/9/2008, p.99), conta o cubano YPP, que trabalhou no jornal até 2006. O protagonista – no enquadramento dramático da narrativa - pede para não ser identificado para não sofrer represálias dos comunistas. Ele, que deixou o jornal por uma ação “[...] típica das ditaduras comunistas”, depois de escrever críticas ao regime, não pode mais trabalhar em qualquer lugar, e hoje vive no exterior.

Sobre a produção do papel higiênico, a única fábrica fechou, tornando-se um item entre tantos outros indispensáveis que faltam no cotidiano dos cubanos. A situação econômica no país comunista está sem controle, como escreve o narrador na estória, com a redução da mensalidade venezuelana para o país, obrigando o regime a importar 80% dos alimentos consumidos. A crise aprofunda ainda mais quando Fidel Castro *manda* (autoridade superior do personagem) reduzir o consumo de eletricidade em 12%. “Nenhum país do mundo consegue crescer com um corte de eletricidade desse tamanho” (9/9/2008, p.99), como conta o economista cubano Oscar Espinosa Chepe, de Havana, personagem da estória.

Como pano de fundo da diegese do narrador, “Cuba não é uma ilha. É um barco afundando com água por todos os lados. A boa notícia? Não vai faltar jornal” (9/9/2008, p.99), ideologia comunista do passado e sem funcionalidade nos tempos modernos, de globalização. Na sequência, perseguindo a estratégia de atacar a representação dos ideais comunistas, com uso da ironia, no rodapé das páginas (98-99 – com 42cm/col.) o narrador-Veja didaticamente revela um comparativo de preços: entre o papel higiênico tradicional, por R\$ 5,10, com o *Granma* (jornal oficial), que dura também uma semana no banheiro e custa 1 centavo de Real; Os *Trabajadores*, 1 centavos por Real e o Dicionário de Pensamentos de Fidel Castro, R\$ 1,2. Para este último, o valor tem a ver com a qualidade de seu papel, fino e macio. A imagem de

Castro, o antagonista da estória de Veja, está segurando o Granma nas mãos e com destaque na capa do Dicionário.

De fato, a ironia passa ser a estratégia do narrador para escrever a estória dramática sobre o jornalismo praticado pelo governo cubano, com seus jornais governistas, um produto a ser usado somente no banheiro, que não serve para sua real utilidade, a informação sobre os acontecimentos, sobre o país ilhado. São produtos jornalísticos sem valor, sem importância para os cubanos, que já entenderam realmente qual sua verdadeira utilidade. O narrador, mais uma vez, desconstrói as ideias do comunismo cubano e seus símbolos ideológicos, apresentando para o leitor a realidade e seus valores políticos ultrapassados, descrevendo o quadro de atraso político e os aspectos de uma civilização enclausurada numa ilha de ideais dos Castro. Na narrativa de Veja, a disputa pela própria estória, e, como resultado, a difusão de pensamento e comportamento social. O jornalismo da ilha não tem relação com a realidade da comunicação global para um mundo em desenvolvimento e capitalista.

VOZES LITERÁRIAS REGIONAIS NO ANTAGONISMO POLÍTICO-CULTURAL

Os personagens da estória jornalística de Veja ganham vida e legitimidade na trama, em conformidade com o fio da narrativa, seguindo a configuração do projeto dramático, com vistas ao pano de fundo, que se ordena em função dos acontecimentos-intrigas, na luta pelo poder ideológico. O principal antagonista deste episódio, Fidel Castro, na estória, forma sua rede de amizades, na busca pelo poder, nas disputas pelo poder simbólico de narrar, de ganhar espaço para sua voz. Por sua vez, no semanário paulista, os personagens, como parte das intrigas, têm como objetivo atingir suas ambições, como é o caso do escritor Gabriel García Márquez, que merece análise detida de seu comportamento psicológico, sendo amigo de Cuba e de seu regime político.

O escritor da famosa obra “Cem Anos de Solidão” está ao lado do ditador cubano, com amplo destaque (64,1cm/col.), no alto da página, na abertura da narrativa de Veja, em conversas confidenciais de amizade. Vestido com camisa com destaque para o tom vermelho (símbolo do comunismo, da esquerda), com listras pretas; e Fidel Castro com o terno militar verde-oliva (poder da força coercitiva), em primeiro plano, ambos sentados. Composição que dá sentido ao título da narrativa, da primeira do episódio de 2010: “Cem anos de adulação” (10/02/2010, ed. 2151, p. 92).

A imagem em *flashback*, busca a memória de narrativas de 2002, quando os personagens do semanário participavam de conferência em Havana. Na configuração da diegese, também do alto da página o retrato (14,1cm/col.) de Símon Bolívar (1783 – 1830), que foi ilustração de livro do Escritor Colombiano, que o aproxima das ideologias nacionalistas da América latina, considerando a luta do histórico Bolívar pela integração das Américas, do Sul e Central, em defesa da descolonização europeia. A rigor, “Os bastidores da amizade entre Fidel Castro e Gabriel García Márquez ajudam a explicar de onde vem o fascínio de intelectuais pelo autoritarismo de esquerda”⁹ (10/02/2010, p.92), conta o narrador-Veja, no subtítulo. A composição dramática de Veja aponta para os fundamentos do comunismo cubano na defesa de seu capitalismo simbólico, de modo a ganhar mais valor em Cuba, na América Latina e no mundo. As estratégias narrativas dos antagonistas na estória.

A relação entre os dois, Fidel Castro e García Márquez, está envolta em jogo de interesses, como escreve o narrador-jornalista, na sua configuração da trama. O ditador aproveita do prestígio literário do colombiano para propaganda do regime no exterior; por sua vez, o escritor ganha poder para desfrutar de vantagens materiais, como viajar para a ilha e viver com todas as regalias de um sistema autoritário, que são somente permitidas à sua elite. Como resultado disso, há juras (falsas) de amizades. Para Castro, o amigo é único companheiro do peito e García conta que não saberia como visitar Cuba, sem a presença do ditador. Para compreender o que motiva um famoso escritor a se dedicar à política autoritária do comunismo cubano, não seria sensato recorrer ao trabalho de um amigo do colombiano, que escreveu obra sobre sua vida, como é o caso do inglês Gerald Martin – “Uma Vida”. Em contrapartida, “Uma versão *mais honesta* dessa relação é apresentada pelo espanhol Angel Esteban e pela belga Stéphanie Panichelli no livro *Gabriel García Márquez e Fidel Castro – Os segredos de uma Amizade*” (10/02/2010, p.92, grifo nosso), uma obra lançada nos Estados Unidos e publicada em Portugal. Conta o narrador-jornalista tratar-se de “[...] uma obra instigante não só pela riqueza de informações, todas sustentadas por inúmeras entrevistas de documentos, mas por introduzir uma discussão pertinente sobre o que leva intelectuais estrangeiros a apoiar um regime sanguinário como o cubano” (10/02/2010, p.92-93), o qual teria matado mais de 7 000 pessoas, além de reprimir a liberdade de expressão. Os autores da obra são professores universitários de literatura e letras e conduzem a sua narrativa, no

⁹ O narrador persegue as razões do poder de atração dos demais líderes da América Latina por Fidel Castro. Uma das explicações seria sua capacidade de contar suas estórias, no uso da literatura. Neste instante surge um importante personagem com esta missão: Gabriel García Marques.

sentido de atender seus fãs de “[...] descobrir a face nefasta de seu ídolo[...]”, escreve o narrador, dialogando com o seu interlocutor, sobre uma provável dúvida no que se refere à distinção das obras. Assim, legitimam-se os personagens protagonistas, escritores, na definição das características dos agentes sociais, com poder simbólico, porém antagonistas.

Os personagens de esquerda que se aproximam de Fidel formam um grupo seletivo e de reconhecidos intelectuais, como o cantor e escritor Chico Buarque e o arquiteto Oscar Niemeyer. “Há uma *tradição* entre parte dos *intelectuais* latino-americanos de *falar* em nome dos outros, de se considerar a *voz* dos que não falam. É uma *visão autoritária* que, como não poderia deixar de ser, produz *fascínio* pela tirania de esquerda” (10/02/2010, p.93, grifo nosso), conta o historiador Marco Antonio Villa, dando sequência à diegese narrativa de Veja. Na busca de ampliar as vozes de esquerda, na América Latina, a ditadura cubana permitiu a aproximação de García Márquez, o que não foi fácil para o escritor, exigindo 15 anos e “artigos chapas-brancas”, além de entrevista propaganda para o regime castrista. Efetivamente, os personagens da narrativa se encontram e estabelecem amizade, depois do lançamento do livro “Cem anos de Solidão”, em 1977, quando o escritor recebe a missão de se tornar “embaixador informal” do regime no exterior. Em troca, o colombiano ganha “plataforma política” para contatos com esquerdistas, como François Mitterrand, da França. Nessa teia de relações, a amizade com o político francês, após fazer campanha, lhe rendeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982. Assim, os personagens se articulam na trama, com suas funções e estratégias de poder.

Dessa relação de interesses, conta o narrador, García Márquez pode desfrutar de carro importado para passear por Cuba, e mansão para aproveitar as belezas naturais do país. Como fruto dessas relações, em resposta, o escritor ajudou a fundar uma “Escola de Cinema” na ilha. Ademais, como símbolo da amizade, tornou comum o colombiano “[...] submeter os seus manuscritos ao ditador, para que ele fizesse observações ao estilo ‘censura vip’” (10/02/2010, p.93). Descreve o narrador que a obra “O General em Seu Labirinto” escrita em 1989, não seria a descrição de Simón Bolívar, o herói latino-americano, que lutou pela independência da região, mas a história e homenagem a Fidel Castro. “Esteban e Panichelli apresentam boas provas desse fato, incluindo o depoimento de três amigos de García Márquez” (10/02/2010, p.93). Veja mais uma vez legítima os personagens protagonistas da narrativa.

Questionado sobre seu apoio a uma ditadura, o colombiano explica que “[...] usa sua influência para convencer Fidel a libertar opositor e a deixá-los fugir para o exílio”

(10/02/2010, p.93), como conta o narrador, numa análise psicológica do personagem, que, agindo assim, estaria “[...] comprando sua própria absolvição na história por desfrutar as benesses de um tirano” (10/02/2010, p.93). No final, o escritor antagonista da estória de Veja faz um “péssimo investimento”, ao usar sua fama com a política cubana sanguinária.

Na trama da narrativa, na composição da estória, o antagonista se relaciona com personagens que, por efeito ideológico, no fio narrativo, tornam-se antagonistas, considerando sua busca pelo poder, os quais se organizam em conjunto para enfrentar as forças dos protagonistas da narrativa hegemônica, numa disputa sem fim. Acompanhando o fio da estória, neste contexto, as disputas passam pelas narrativas. Assim como os personagens se encontram em disputas pela construção da realidade, que exige configuração de seus agentes, com símbolos políticos e a composição da diegese, em disputa, portanto, para a formação do conhecimento do leitor e comportamento cultural na América Latina.

Em resumo, o acúmulo de poder simbólico se torna fundamental para a construção da realidade, considerando as estórias e seus personagens no imaginário latino-americano. O jornalismo, o lugar nas disputas econômicas e sociais, figuras de expressão da literatura ganham importância, na configuração da própria realidade política que se quer estabelecer. A construção e a desconstrução dos agentes e classificação das nações se mostram estratégias de estabelecer a ordem de pensamento e formação cultural. As vozes que organizam a ideologia hegemônica têm papel importante na narrativa, de modo que, em contrapartida, ganham função nas disputas pela produção das estórias, como notamos, numa relação entre países nacionalistas latino-americanos e política global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ambiente sociocultural, a comunicação obtém importância fundamental para as relações comunitárias com vista ao diálogo e delimitação de espaços de conhecimento. Não seria possível avaliar o desenvolvimento sem comunicação como transporte de informação, cujas vias permitem a trocas de experiência e formação simbólicas. O sentido de pertencimento social e política depende do enquadramento dos fenômenos, de modo a inserir a sociedade no debate dos fatos que resultam em impacto no cotidiano. Nas fronteiras culturais estão signos no processo de mediação indispensáveis na geração de significados sobre objetos a serem conhecidos ou exigem ressignificação na ordem do tempo para o desenvolvimento humano.

Dito isso, como analisamos, a comunicação jornalística ganha singular importância, mas não se faz um agente sem interesse político nas trocas comunicativas, envolvendo um emissor e recepção desta mensagem. Neste contexto, no universo complexo das narrativas apresentadas sobressai o poder do veículo de comunicação com espaço para configuração da estória jornalística, o que se evidencia nos textos descritos, com a competência para organizar imagens, títulos, legendas, territórios culturais. Os personagens da trama ganham configuração no semanário paulista, com vozes singulares, que, na sua estória, agem em conformidade com sua performance legitimada em conformidade com o seu poder simbólico, assim, se fazem protagonistas e antagonistas, em linha com o projeto narrativo determinado, neste contexto, do veículo analisado, revista Veja.

Nesta perspectiva, o jornalismo ganha notoriedade na definição de conceitos e significados, de modo a dar validade aos pontos fundamentais do narrador, que se lança na arquitetura de ordem ideológica, na construção da realidade, como consequência na composição de verdade e poder. Neste sentido, emerge a cultura de uma sociedade moderna, com abertura econômica, capitalista, neoliberal, com redução do Estado, na busca dos enquadramentos dramáticos, com deixas simbólicas de negociação de sentido com o interlocutor de Veja, o sujeito da Recepção. Os governos ditos socialistas, bem como seus alinhados políticos, os antagonistas, são questionados a cada passo da narrativa, como descrito acima, na ordenação do capital simbólico para a definição na visão de mundo da política neoliberal, que se quer hegemônica, na configuração das vozes dos personagens protagonistas da estória.

No campo político, como estratégias da narrativa jornalística de Veja, as disputas se mostram duras diante do poder de representação simbólica, com quantidade de ironia sobre os antagonistas ao projeto do narrador, com participação efetiva de outras narrativas, com ecos ideológicos dominantes, que resultam em enunciados consensuais, evidenciando na narrativa personagens com poderes simbólicos, no papel de protagonistas, como antagonistas nas estórias, diante do acontecimentos-intrigas. Nesta análise, a busca é por elementos de memória (*flashbacks*) no tempo, de modo a dar tessitura à narrativa, a atingir discurso político-cultural hegemônico, lançando luzes sobre ideologia que quer social, na centralidade de territórios culturais. Neste percurso, analisado, distante da regionalidade latino-americana, ordem ideológica em constante diálogo com o leitor na formação de sentido sobre significados

determinantes, em linha com o desenvolvimento político regional, tendo como pano de fundo o neoliberalismo dos Estados Unidos, e, nesta ordem, a cultura vista como moderna e sublime.

Na dinâmica das tramas jornalísticas regionais, outras narrativas se sucedem, de cujas malhas estamos todos inseridos no processo de transformações permanentes nas fronteiras entre comunidades culturais e políticas, com significados em expansão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. *Veja: sob Censura (1968-1976)*. São Paulo: Jaboticaba, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz, 14ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. Trad. Sérgio Molina, São Paulo: Iluminura, 2008.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Trad. Luís Carlos Borges, Silvana Vieira, São Paulo: Unesp, 1997.
FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al.], Ed. 2ª, Belo Horizonte: UFMG, 2013.

MORAES, Dênis (org.). *Mídia, Poder e Contrapoder: da democracia monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora UnB, 2013.

SILVA, Antonio Sebastião da. *Mediações Latino-americanas*. Florianópolis: Insular, 2020.

SILVA, Carla Luciana Souza da. *O "Admirável Mundo" de Veja: Influências Sociais de uma Revista De Informação*. *HOL*, 2008, n. 15, 89-105.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. Grupo de Estudos da pós-graduação do instituto de psicologia da PURCS, 6ª Ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

THOMPSON, Jonh B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Wagner de Oliveira Brandão, Petrópolis: Vozes, 1998.

Recebido em 30 de março de 2022.

Aprovado em 04 de maio de 2022.

